

Ricardo Reis

## **Não a ti, Cristo, odeio ou menosprezo**

Não a ti, Cristo, odeio ou menos prezo  
Que aos outros deuses que te precederam  
    Na memória dos homens.  
Nem mais nem menos és, mas outro deus.

No Panteão faltavas. Pois que vieste  
No Panteão o teu lugar ocupa,  
    Mas cuida não procures  
Usurpar o que aos outros é devido.

Teu vulto triste e comovido sobre  
A estéril dor da humanidade antiga  
    Sim, nova pulcritude  
Trouxe ao antigo Panteão incerto

Mas que os teus crentes te não ergam sobre  
Outros, antigos deuses que dataram  
    Por filhos de Saturno  
De mais perto da origem igual das coisas,

E melhores memórias recolheram  
Do primitivo caos e da Noite  
    Onde os deuses não são  
    Mais que as estrelas súbditas do Fado.

Tu não és mais que um deus a mais no eterno  
Não a ti, mas aos teus, odeio, Cristo.  
    Panteão que preside  
    À nossa vida incerta.

Nem maior nem menor que os novos deuses,

Tua sombria forma dolorida  
Trouxe algo que faltava  
Ao número dos divos.

Por isso reina a par de outros no Olimpo,  
Ou pela triste terra se quiseres  
Vai enxugar o pranto  
Dos humanos que sofrem.

Não venham, porém, estultos teus cultores  
Em teu nome vedar o eterno culto  
Das presenças maiores  
Ou parceiras da tua.

A esses, sim, do âmago eu odeio  
Do crente peito, e a esses eu não sigo,  
Supersticiosos leigos  
Na ciência dos deuses.

Ah, aumentai, não combatendo nunca.  
Enriquecei o Olimpo, aos deuses dando  
Cada vez maior força  
Plo número maior.

Basta os males que o Fado as Parcas fez  
Por seu intuito natural fazerem.  
Nós homens nos façamos  
Unidos pelos deuses.

9-10-1916

**Odes de Ricardo Reis** . Fernando Pessoa. (Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.)  
Lisboa: Ática, 1946 (imp.1994): 74.